

José Ricardo Pires de Almeida: um vulgarizador das ciências no Brasil do século XIX

José Ricardo Pires de Almeida: a popularizer of science in the 19th century Brazil



FRANÇA, Aline de Souza Araújo *

 [https:// orcid.org/0000-0003-3790-8971](https://orcid.org/0000-0003-3790-8971)

RESUMO: O objetivo deste artigo é realizar uma análise da obra *Guia da Mulher pejada*, escrita pelo médico José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913). Foi publicada inicialmente na imprensa em 1881 e em formato de livro no ano de 1884. Esta obra era direcionada para as mulheres pejadas, ou seja, em estado de gravidez e possuía o intuito de oferecer informações médicas para que pudessem manter a gestação de forma saudável. Sendo assim, a partir do conceito de vulgarização científica, foram selecionados para a análise alguns trechos da obra, na qual se refletirá sobre as relações entre ciência, medicina e mulheres no Brasil do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: vulgarização; medicina; mulheres; imprensa.

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the work *Guia da Mulher pejada*, written by physician José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913). It was first published in the press in 1881 and in book format in 1884. This work was aimed at expectant women, that is, in a state of pregnancy and had the intention of offering medical information so that they could maintain the pregnancy in a healthy way. Thus, based on the concept of scientific vulgarization, some excerpts from the work were selected for analysis, in which the relationship between science, medicine and women in nineteenth-century Brazil will be reflected.

KEYWORDS: vulgarization; medicine; women; press.

Recebido em: 21/07/2021
Aprovado em: 08/10/2021

* Mestre em História pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Bolsista Capes. E-mail: aline.souza.araujo@outlook.com Esse artigo é parte do capítulo dois da minha dissertação de mestrado, intitulada de “Um livro “maneiro, singelo e despido de pretensões científicas”: o *Guia da mulher pejada* e a vulgarização científica no século XIX”. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde/COC/Fiocruz, 2020.



Introdução

Este trabalho se propõe a analisar a obra *Guia da mulher pejada*, do médico e literato José Ricardo Pires de Almeida (1843-1913), procurando compreendê-la como uma obra de vulgarização das ciências. Publicada inicialmente nas colunas do periódico *A Mãe de Família*, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1881 a 1883, essa obra foi editada em formato de livro pela Typographia Lombaerts, em 1884, com uma segunda edição em 1895.

Pires de Almeida doutorou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1871, com a tese, “Parallelo entre as escolas hystologicas, franceza e allemã; Secção accessoria, Applicação da electricidade á therapeutica; Secção medica, Medicação anesthesica; Secção cirurgica, Do aparelho da visão”. Atuou como chefe do Arquivo da Secretaria da Câmara Municipal, foi delegado e comissário vacinador da Junta Central de Higiene Pública e foi médico adjunto da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Escreveu diversas peças de teatro, obras na área da medicina, teve extensa colaboração nos jornais *A Mãe de Família* e *A Estação*. Foi gerente do periódico *Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia no Brazil*, colaborador de diversos periódicos, tendo sido redator no *Brazil Illustrado. Archivo de conhecimentos uteis*, juntamente com Felix Ferreira (1841-1898).

José Ricardo Pires de Almeida foi um dos autores que, no século XIX, publicaram obras dos mais diversos gêneros literários. Sua produção foi muito extensa, abrangendo formas como livros, partituras, poesias, peças de teatro, artigos científicos, artigos sobre história do Brasil, e folhetins.

Alguns aspectos da vida cotidiana de Pires de Almeida foram noticiados nos jornais do Rio de Janeiro, o que pode ser um indicativo de suas relações sociais e de seu status na sociedade carioca oitocentista. Um exemplo disso foi a notícia sobre o seu casamento com Ernestina da Silva Lima, publicada na *Gazeta da Tarde* (1883, p. 3) e em *A Folha Nova* (1883, p. 1).

Outros eventos, como o aniversário de sua esposa, foram divulgados no *Diário de Notícias* (1887, p. 1) e na *Gazeta da Tarde* (1888, p. 2). A simples presença do médico na Rua do Ouvidor também era motivo para ser registrado em jornal (*Diário de Notícias*, 1888, p. 2).

Seu ingresso como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi igualmente noticiado. O médico apresentou, para seu ingresso na instituição, uma memória justificativa dos costumes dos Países Baixos (*Gazeta da Tarde*, 1886, p. 2).

Esses aspectos da vida de Pires de Almeida, noticiados em jornais de grande circulação, podem indicar seu reconhecimento social e profissional na época. Pires de

Almeida foi autor de vários artigos, publicados em diferentes periódicos, de vários livros e, também, exerceu profissão como médico, atendendo inclusive em consultório. Suas atividades como clínico eram sempre publicadas nos jornais, bem como o endereço de seu consultório, e muitos os anúncios de suas obras.

Neste estudo procuraremos analisar o *Guia da mulher pejada* a partir de uma perspectiva que busque refletir sobre a vulgarização das ciências. A escolha por essa chave de análise se deu para que se buscasse compreender que conteúdos científicos estavam sendo produzidos para as mulheres do período.

O conceito de vulgarização científica

A vulgarização científica teve sua gênese na França do século XIX, foi um movimento no qual diversos homens de letras se incumbiram da ‘missão’ de levarem as luzes para esclarecer o povo (BENSAUDE-VINCENT, 2010). Compreendia-se que apenas pela educação e instrução poderia se verificar o progresso de uma nação e o melhoramento da sociedade. A partir disso, em finais do século XVIII e ao longo do XIX, foram publicadas obras e periódicos com o intuito de difundir o conhecimento para um público amplo, um público não especialista.

Muitas das obras de vulgarização apresentavam a característica de um manual. O autor, geralmente um especialista, traduzia os conhecimentos produzidos, por estudiosos em diversas instituições, por meio de uma linguagem acessível, de forma que pudesse ser compreendida pelo público não especialista. (VERGARA, 2003). Esses conteúdos, que passavam por esse processo de tradução, eram, em sua maioria, selecionados tendo em vista sua potencialidade de aplicação no cotidiano das populações. Por isso, a questão da utilidade foi uma forte característica da vulgarização.

A historiadora Bernadette Bensaude-Vicent (2010) realizou um estudo sobre o auge e a decadência do uso da expressão “vulgarização científica”. De acordo com a autora, o termo foi usado desde o século XIX, na língua francesa, para designar toda atividade de comunicação da ciência com o grande público. Entre estas, estavam livros, revistas, exposições. Para a autora, a iniciativa que os vulgarizadores tinham em tentar fazer com que a ciência pudesse alcançar o grande público, só poderia ocorrer através da adaptação da linguagem. Por isso, ela reitera que os vulgarizadores eram as figuras responsáveis por realizar uma ponte entre o mundo científico e o grande público.

A publicação do *Guia da mulher pejada* está inserida em um contexto no qual se deu uma expressiva diversidade de produção de livros e periódicos sobre vários temas médicos e científicos, sendo direcionados para um público leigo. Essas publicações, eram

elaboradas com o intuito de instruir os leitores nos preceitos científicos e tornar o conhecimento aplicável no cotidiano das pessoas.

Portanto, partindo da premissa de que o *Guia da mulher pejada* foi escrito com o intuito de tornar o conhecimento médico acessível a um público específico, que no caso eram as mulheres, procuraremos realizar a análise da obra. Escrita para as mulheres que estivessem em período de gestação, o *Guia da mulher pejada* tinha como principal objetivo instruir a mulher sobre os preceitos higiênicos que deveriam ser observados ao longo do período gestacional, e apresentar as moléstias que poderiam se manifestar por ocasião da gravidez e os meios de combatê-las, como as receitas de medicamentos que foram incluídas na obra.

O Guia da Mulher Pejada no jornal *A Mãe de Família*

O jornal *A Mãe de Família* publicou a *Higiene da mulher pejada*, obra escrita e publicada pelo médico José Ricardo Pires de Almeida, ao longo dos anos de 1881 a 1883. Nesta, Pires de Almeida apresentou maneiras pelas quais a mulher grávida deveria proceder para manter a sua saúde e, desta maneira, a de seu filho.

A obra foi publicada no jornal em formato de fascículos, com o título das seções de *Higiene da mulher pejada*. Os assuntos eram referentes às atitudes que a mulher grávida deveria ter para manter sua saúde e, assim, evitar moléstias.

As discussões médicas da época acerca da mortalidade infantil procuraram alcançar as famílias e apresentar, através de diversos meios, como os livros e os periódicos, que parte da responsabilidade pelo alto número de crianças que chegavam a óbito, antes dos dois anos de idade, era por conta de hábitos considerados nocivos à saúde da criança. Com o intuito de modificar este cenário, a medicina da época construiu um discurso no qual afirmava que cabia aos pais e principalmente, à mãe, zelar e cuidar dos filhos com base em conhecimentos científicos.

Portanto, neste contexto, foram diversos os manuais publicados com linguagem e conhecimento adaptados às mães, nos quais estas eram aconselhadas, sobre como deveriam agir com relação à alimentação, vestimenta, ambiente, banhos, passeios, brinquedos dos filhos.

A obra de Pires de Almeida pode ser compreendida como um manual que se propunha a estes objetivos. Apesar de o foco de Pires de Almeida ter sido na saúde da mulher pejada, pode-se afirmar que sua preocupação maior era com a criança. As discussões que se afirmaram no período, com base na construção da nação e da nacionalidade, privilegiavam o nascimento de cidadãos fortes e sadios, considerados como os futuros responsáveis pelo país. Por isso, compreende-se a motivação de uma

geração, da qual Pires de Almeida fazia parte, em propor reflexões a respeito da ciência em suas relações com a construção da nação.

Manuais de medicina popular no século XIX

Lycurgo de Castro Santos Filho, autor de *História geral da medicina brasileira*, identificou um conjunto de obras de medicina para uso popular, que circularam no Brasil ao longo do século XIX. Ao todo, segundo o autor, 35 manuais circularam no Brasil durante o século, além de periódicos que possuíam seções nas quais publicavam orientações sobre saúde e doença para o uso do povo (SANTOS FILHO, 1991).

Esses manuais eram, na maior parte das vezes, escritos por médicos, cuja formação havia sido realizada, em sua maioria, nas faculdades de medicina do Império. Essas obras exerciam a função de vulgarizar, popularizar os conhecimentos médicos sistematizados nas academias. De acordo com Betânia Figueiredo, em diferentes partes do Império, o conhecimento adquirido através da leitura e estudo destes manuais, tornava o indivíduo capacitado para atuar em questões de saúde e doença na ausência do médico. (FIGUEIREDO, 2005).

Assim como Figueiredo, Cotrim Guimarães (2005) demonstra a importância destes manuais para um público que não tinha acesso à figura do médico, embora não se deva supervalorizar a atuação médica deste período, tendo em vista o pouco número de médicos em detrimento do tamanho do Império.¹

Era pelo caráter “acadêmico, pedagógico, civilizador e higienista” dos manuais que muitas pessoas do interior recorriam aos primeiros socorros e à formulação de remédios (GUIMARÃES, 2008, p. 827). A ideia da ajuda nos primeiros socorros e a formulação de medicamentos era recorrente nos manuais. Em sua maioria, se divulgava o conhecimento de forma mais amena, mais resumida, de modo que pudesse ser lido pelos práticos, por indivíduos que não tinham formação acadêmica, mas que praticavam a medicina. Eram os curandeiros, as parteiras, os benzedeiros, os boticários, os raizeiros, oriundos de camadas pobres da população. A dinâmica de atendimento dos médicos passava pela relação de confiança que estes construíam com seus pacientes. Isso quer dizer que, boa parte da população brasileira, principalmente as de classes mais baixas,

¹ . Como bem aponta Betânia Figueiredo (2005) embora a medicina deste período já estivesse criando mecanismos que restringiam as artes de curar que somente poderiam ser exercidas por aqueles que possuísem formação na área médica, diversas regiões do Império estavam acostumadas a lidar com a inexistência deste profissional e com a atuação de diversos indivíduos, como os curandeiros, as parteiras, os boticários, os raizeiros. Dessa forma, a dinâmica de atendimento dos médicos passava pela relação de confiança que estes construíam com seus pacientes. Isso quer dizer que, boa parte da população brasileira, principalmente as de classes mais baixas, optava por recorrer a outros profissionais das artes de curar, pois estes, em muitos casos, faziam parte de seu convívio social.

optava por recorrer a outros profissionais da arte de curar, pois estes, em muitos casos, faziam parte de seu convívio social.

Os manuais também podem ser interpretados como um mecanismo de inserção dos saberes médicos oficiais no cotidiano daqueles que os estudavam e os liam. Como eram obras escritas por médicos que estavam ligados, de alguma maneira, às instituições médicas do período, como as faculdades de medicina e a Academia Imperial, esses médicos procuraram adaptar à linguagem leiga os conhecimentos que eram ali produzidos. Sendo assim, essas obras podem ser compreendidas a partir de uma relação estabelecida, por meio da leitura, entre uma medicina oficial e a população de modo geral. Os médicos, seus autores, igualmente, podem ser entendidos como mediadores culturais, tal como nos termos de Gomes e Hansen (GOMES; HANSEN, 2016).²

Se atentarmos ao fato de que boa parte da população não tinha acesso à educação no século XIX, pode-se afirmar que estes manuais chegavam principalmente às famílias com melhores condições sociais e econômicas. Porém, cabe lembrar que nem sempre as leituras ficavam restritas a este círculo mais abastado, como ressaltou Regina Cotrim:

[...] faziam-se conhecidos nas conversas informais e nas trocas de receitas no ambiente doméstico, para a recuperação de parentes, vizinhos ou escravos doentes. Além disso, prestariam muitos serviços ao grande número de indivíduos leigos que sobreviveram à custa de um conhecimento médico informal. (GUIMARÃES, 2008, p. 831).

Como estratégia de convencimento, os médicos, autores destes manuais, utilizavam de uma linguagem depreciativa para caracterizar todos aqueles que não faziam parte da medicina acadêmica, como as parteiras, os curandeiros e outros. Ao mesmo tempo em que depreciavam os demais praticantes de cura, firmavam sua profissão perante o grande público e afirmavam o conhecimento científico como a única “verdade”.

O *Guia da Mulher Pejada*: Estrutura e características

A obra *Guia da mulher pejada* de José Ricardo Pires de Almeida, foi inicialmente publicada nas colunas do jornal *A Mãe de Família. Jornal científico, litterario e illustrado*, ao longo dos anos de 1881 a 1883. Esta obra foi publicada, em formato de livro, somente no início do ano de 1884, pela Typographia e Lithographia Lombaerts & C., como

² Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) definem como intelectuais mediadores aqueles indivíduos que atuam como mediadores culturais. As autoras reconhecem que existem diversas situações de mediação cultural realizadas por diferentes indivíduos nas mais diversas situações sociais. Entretanto, essas pessoas não se reconhecem ou não são reconhecidas como intelectuais. Portanto, para fins de delimitação, as autoras definem dessa maneira a categoria de 'intelectual':

registraram inúmeros anúncios veiculados nos periódicos da época. Esta edição em livro, que integrava a coleção “Medicina para o povo” da editora, apresentou como título *Guia da mulher pejada Preceitos hygiencios. Molestias e accidentes. Seu tratamento: alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do feto*. Importa esclarecer que essa 1ª edição da obra apresentou em sua primeira capa impressa a data de 1882, mas no final do exemplar apresenta a data de 1884. De toda forma, considera-se que a primeira edição veio a público efetivamente no ano de 1884. O *Guia da Mulher Pejada* ainda teve uma segunda edição, em 1895, igualmente publicada pela Imp. L. Lombaerts.

A obra foi amplamente divulgada por meio de anúncios em jornais como *A Mãe de Família* e *A Estação*, e em periódicos de outras províncias brasileiras. No periódico *A Estação*, por exemplo, foram localizados anúncios da obra até o ano de 1901, o que nos leva a crer que pode ter sido uma obra bem aceita, ao menos pelo público do Rio de Janeiro.

O livro está estruturado da seguinte forma: prefácio, e mais duas partes, *Hygiene da mulher pejada*, e *Moléstias da mulher pejada*. Na primeira parte, *Hygiene da mulher pejada*, Pires de Almeida tratou sobre todas as questões referentes à higiene da mulher pejada, contemplando sete pontos: o ar, o vestuário, os banhos, a alimentação, exercícios físicos, o moral das pejudas, e desejos ou caprichos da mulher grávida. Na segunda parte, *Moléstias da mulher pejada*, foram discutidas as moléstias próprias da gravidez e as maneiras de combatê-las, por meio de fórmulas de medicamentos que poderiam ser encomendadas pela mulher. As receitas foram apresentadas a partir de três linhas de pensamento ou formas de concepções médicas: a linha alopática por Pires de Almeida; a homeopática, por Antonio de Castro Lopes³; e a dosimétrica, por José de Goes⁴.

O termo pejada era utilizado, no século XIX, para designar a mulher grávida. O principal objetivo da obra era ser, tal como o título o anunciava, um guia para a mulher em seu estado de gestação. A ideia era a de que, a mulher informada pelos preceitos higiênicos, pudesse manter sua saúde e a de seu bebê. De acordo com Pires de Almeida, uma das principais causas de mortalidade materna e infantil no período era a escassez de

³ Antonio de Castro Lopes (1827-1901): poeta, filólogo, e professor de latim no Colégio de Pedro II. Publicou *Conferências sobre a homeopatia*, em 1882. Apresentou nas Conferências Populares da Glória, na Escola Pública da freguesia da Glória, as conferências *Ensino superior*, em 29/05/1881, e *Doses imponderáveis e sua eficácia* em 27/11/1881.

⁴ José de Góes foi autor do *Guia de medicina Dosimetrica* (1880), vice-presidente honorário do Instituto Dosimetrico de Paris e atendia na Pharmacia Especial S. José (Rua São José nº61), na cidade do Rio de Janeiro.

informações científicas que pudessem informar às mulheres a maneira ‘correta’ de cuidar de seu próprio corpo e do de seus filhos.

É importante lembrar que, em termos de conteúdo, os fascículos do *Guia da mulher pejada* publicados no jornal *A Mãe de Família*, e as edições em livro de 1884 e a de 1895, apresentavam algumas diferenças. No periódico foi publicado apenas, o que depois veio a ser a primeira parte do livro, a *Hygiene da mulher pejada*. As moléstias da gravidez e as receitas de medicamentos não foram incluídas na versão veiculada pelo periódico.

Para a seleção e análise desta obra de Pires de Almeida, fizemos a escolha pela edição de 1884, por ter sido essa a primeira edição publicada em formato de livro, e que foi amplamente anunciada em diversos periódicos do Rio de Janeiro e de outras províncias.

O *Guia da mulher pejada* nos anúncios da imprensa

O *Guia da mulher pejada*, quando foi publicado, em 1884, em formato de livro, foi amplamente anunciado em diversos periódicos do Rio de Janeiro e alguns de outras províncias do Império. Foram localizados anúncios da obra até o ano de 1904. A grande frequência de anúncios, nos mais diversos periódicos, pode ser considerado como um indício da circulação e divulgação da obra.

No jornal *A Folha Nova*, em 1884, foi reproduzido um trecho do *Guia da mulher pejada*, no qual tratava sobre o uso dos espartilhos, comentando a necessidade de combater seu uso excessivo (*A Folha Nova*, 1884, p. 2). Em fevereiro de 1884, o periódico *Brazil. Órgão do Partido Conservador* anunciou a publicação da obra de Pires de Almeida, destacando a importância do conteúdo por essa divulgado:

O Sr. Dr. Pires de Almeida, clinico desta cidade e vantajosamente conhecido acaba de publicar uma *Guia da mulher pejada*, que nos parece de muita utilidade, pois além de expor os phenomenos que acompanham a gravidez, e as enfermidades que lhe são próprias, aponta os remédios a tomar para combater esses malles e a hygiene a observar para chegar á terminação do estado sem maiores accidentes. (*Órgão do Partido Conservador*, 1884, p. 2).

Da mesma forma, nesse mesmo periódico, *Brazil. Órgão do Partido Conservador* foi publicado, ainda em 1884, uma matéria que recomendava a leitura do *Guia da mulher pejada* a toda senhora casada, por tratar-se de uma obra de grande importância prática (1884, p. 3). *A Provincia do Espirito Santo* foi outro jornal que anunciou por diversas vezes a obra. Ao longo do ano de 1884, nesse periódico o *Guia da Mulher pejada* foi anunciado dez vezes (anno III, n. 598, 1884). Em *A Mãe de Família*, como nos referimos anteriormente, foram inúmeros os anúncios veiculados entre os anos de 1884 a 1888. E no jornal *A Estação*, os anúncios seguiram frequentes até o ano de 1901.

Em quase todos os anúncios da obra de Pires de Almeida, havia a referência à coleção da qual a obra fazia parte, que no caso era intitulada de *Medicina para o povo*; e seguiam o mesmo padrão de anúncio: título; logo abaixo, o subtítulo; a indicação ao calendário da prenhiz; o nome do autor; o preço e o lugar de venda. Principalmente nos jornais *A Mãe de Família* e *A Estação* os anúncios seguiam sempre esse mesmo modelo. Assim como afirma Ozângela Silva (2017) existia, no século XIX, uma variedade de maneiras de divulgar os livros nos periódicos. Alguns anúncios possuíam ilustrações, outros descreviam a obra com textos longos, outros eram breves nas descrições dos livros. Características como o formato, o tamanho e a linguagem presentes no anúncio variavam de acordo com o público alvo.

Conforme indica a autora, existia um direcionamento do anúncio como forma para sinalizar o público ao qual a obra se destinava. O *Guia da mulher pejada*, como se vê nos anúncios referidos, era visivelmente destinado a um público específico: o povo. Não era, dessa maneira, uma obra especializada, uma ‘medicina para os doutores’. Pires de Almeida possuía a pretensão de alcançar um público leigo, não especialista.

Como dito anteriormente, o *Guia da mulher pejada* foi publicado inicialmente no jornal *A Mãe de Família*, entre os anos de 1881 e 1883, o que torna imprescindível uma reflexão a respeito deste instrumento de comunicação do período.

A imprensa, no século XIX, era um dos principais meios procurados pela população para obter informações sobre os mais diversos assuntos, assim como se tornara também um meio de entretenimento. A partir da segunda metade do século XIX, começaram a aparecer jornais e revistas com o objetivo de tratar dos mais diversos assuntos e alcançar uma grande variedade de públicos. Existiam periódicos de cunho político, outros satíricos, os científico-literários, os especializados, os educativos, os de vulgarização. Dessa forma, encontrava-se uma pluralidade e diversidade de periódicos, sendo cada qual direcionado para diferentes públicos, como as mulheres, as crianças, os trabalhadores, os médicos, os advogados, os professores, etc.

Como o periódico era um produto mais barato que o livro, o alcance de uma obra reproduzida por esse meio poderia ser muito maior. Era, portanto, por meio dos periódicos que os autores e suas produções passavam a ser conhecidos por diferentes públicos e de diferentes segmentos sociais. O fato de Pires de Almeida ter publicado, a princípio, sua obra nas colunas de um jornal, como *A Mãe de Família*, pode indicar que sua compreensão era de que por meio da imprensa sua obra alcançaria um público maior e seria mais amplamente conhecida.

O jornal *A Mãe de Família* (1879-1888) era naquele período um importante instrumento de vulgarização científica para o público feminino. Nele se encontravam,

desde o início de seu funcionamento, matérias e artigos que tratavam de assuntos médicos de interesse da mulher e da mãe de família. Através deste instrumento, seu principal redator, o médico Carlos Antonio de Paula Costa, por meio de seus textos e de outras autoridades científicas que atuavam como colaboradoras, buscavam instruir a mulher segundo os preceitos científicos, para que assim pudesse criar melhor seus filhos. Podemos entender, então, que este jornal, assim como outros do período, possuía uma função pedagógica, que era a de educar e instruir a partir dos conhecimentos científicos.

Pires de Almeida, ao utilizar esta estratégia de publicar sua obra inicialmente nas colunas de um periódico e depois publicá-la no formato de livro, pode ter lhe possibilitado a concretização de seu objetivo, ou seja, tornar o conhecimento médico-científico acessível para as mulheres grávidas, para que, uma vez informadas, pudessem evitar e tratar de possíveis males decorrentes da gravidez.

A autoridade médico-científica de Pires de Almeida

De acordo com Jean Luiz Neves Abreu, no século XVIII os paratextos, ou seja, tudo o que antecedia ao texto em si, como os prefácios e as introduções, possuíam um papel primordial nos impressos de medicina luso-brasileiros (ABREU, 2013). Embora esteja tratando sobre o século XVIII, podemos transportar as ideias de Jean Luiz Abreu para interpretar um costume bastante comum no século XIX, que era a inserção de paratextos nos livros. É importante analisar estes paratextos, pois nestes podemos encontrar os objetivos, as principais intenções do autor, e conhecer a linha de pensamento à qual estava vinculado. Além disso, também são textos importantes, pois são neles que o autor se posicionava como autoridade científica.

A princípio, Pires de Almeida justificou a razão pela qual cabia a ele, médico, estudar o feminino:

Deve-lhe, portanto, o médico mais considerações do que qualquer outro, porque, pela indole dos seus estudos, pela interrompida pratica de sua honrosa profissão, chegou a compreender o quanto é difficil desvendar os mysterios da organização feminina, o quanto é importante conhecê-los com certeza, e como se torna doce e agradável levar o consolo ao coração afflicto e a saúde ao corpo doente, daquellas que tantas sympathias despertam. (ALMEIDA, 1884, p. 5-6)

No século XIX, o médico passou a ser a principal autoridade científica a tratar de assuntos relacionados ao corpo feminino. Segundo Martins e Rohden, esse processo tem a ver com o contexto de produção científica a respeito das diferenças sexuais. A ideia de dois sexos biológicos distintos pode ser contextualizada e é uma concepção que aparece ao longo do século XVIII (MARTINS, 2004; ROHDEN, 2001). Até então, o modelo adotado

era baseado no padrão masculino, e desta forma nomeava órgãos para ambos os sexos – como testículos e ovários, por exemplo. Foi a partir do século XVIII que a mulher passou a ser definida de forma específica, como um sexo diferente. Os médicos, portanto, passaram a se autodenominar ‘especialistas da mulher’, que nos faz compreender as palavras acima de Pires de Almeida.

Mesmo com as dificuldades que eram atribuídas ao campo da moralidade, a medicina dos séculos XVII, XVIII e XIX estava avançando na questão do estudo dos órgãos, através da prática de dissecações que estava sendo realizada na Europa. Esses conhecimentos eram amplamente divulgados nos manuais médicos especializados. Foi a partir desses estudos que começaram a serem descobertas diferenças entre os sexos. Os médicos se colocavam como as principais autoridades qualificadas para tratarem sobre as questões relacionadas ao corpo.

Dessa forma, a partir de então, o corpo feminino passou a ser um objeto do conhecimento científico, toda a produção em torno da sexualidade demonstrava como as mulheres eram diferentes dos homens: “passagens como a puberdade, a gravidez e a menopausa afetariam as mulheres de modo único e não haveria qualquer acontecimento equivalente em relação aos homens”. (FREITAS, 2008, p. 176)

Pires de Almeida expressou claramente sua visão a respeito das mulheres:

Disse-o alguém, e com espirito e razão: a mulher é uma criança grande. Esta expressiva phrase que, para os mais exigentes, envolve uma censura, importa o seu melhor elogio.

Há por ventura cousa que mais nos interesse do que a tenra infância? Há na criação um ser que mais direitos tenha á nossa estima, e mais carinhos e cuidados nos inspire do que esses innocentinhos que mal conhecem a vida?

E porque?

Porque naquelle idade somos apenas um átomo lançado ao mundo; e seríamos o brinco de todas as influencias phisicas, a victima de todas as tempestades, sem os desvelos constantes de nossos paes que – já robustecidos na luta – soffrem por amôr da frágil criança o choque de todos os ventos.

A mulher, porem, nunca perde essa quasi infância; em toda sua vida é um ser indefeso, exposto, por um lado, ao embate das paixões que lutam para conquistar-lhe o nobre coração, por outro lado, á destruidora acção de moléstias insidiosas que minam-lhe o corpo, ou ás consequências do desempenho das mais elevadas funcções que a natureza confiou ao seu organismo; e que – sobre serem as mais importantes para a espécie, porquanto concorrem exclusivamente para garantia da perpetuidade – são-lhe contudo incommodas, dolorosas, e gastam rapidamente o viço da mocidade, quando não cortam em hora muito prematura o fio de uma existência rica de esperanças e illusões. (ALMEIDA,1884, p. 6-7)

A mulher era percebida por Pires de Almeida como ser que havia crescido, mas não amadurecido. Pires de Almeida apresentou a mulher como um indivíduo que era, ao mesmo tempo, exposto a paixões que lhe afligiam o coração e suscetível a diferentes

tipos de moléstias. Por essas razões, de acordo com o modo de pensar do médico, a mulher deveria ter como seu conselheiro e amigo, a figura do médico.

Neste contexto, a medicina afirmava que a natureza da mulher e sua particularidade sexual demandavam justificativas científicas e um regime de regulações para que sua natureza não se desvirtuasse. Nesta perspectiva, o corpo feminino deveria ser sempre “regulado, porque a medicina da época acreditava que, além de ser mais frágil, era impressionável a qualquer motivação, fosse ela causada por emoções, pela visão, pelo tato, enfim, um corpo sensível a qualquer impressão”. (MARTINS, 2004, p. 15) O médico, nesse sentido, se colocava como conselheiro da mulher para todos os aspectos de sua vida: aconselhavam sobre a maternidade - desde a gestação aos cuidados com as crianças -, sobre comportamentos sociais, sobre a vestimenta, a vida conjugal, as leituras, os passeios, etc.

Nesta perspectiva, os médicos podem ser considerados como os representantes da ciência junto a essas mulheres. Pires de Almeida destacou a capacidade do médico em dar atenção às mulheres:

Deve-lhe, portanto, o médico mais considerações do que qualquer outro, porque, pela índole dos seus estudos, pela ininterrompida prática de sua honrosa profissão, chegou a compreender o quanto é difícil desvendar os mysterios da organização feminina, o quanto é importante conhece-los com certeza, e como se torna doce e agradável levar o consolo ao coração afflicto e a saúde ao corpo doente, daquelas que tantas sympathias despertam. (ALMEIDA, 1884, p. 5-6)

O médico Pires de Almeida prosseguiu afirmando a autoridade médica e a importância do critério científico na prática da chamada especialidade ginecológica:

O que acabámos de dizer, representando a unanime opinião dos médicos, e o juízo amadurecido dos philosophos, é a base de um critério científico a que deve necessariamente obedecer todo aquelle que, por predilecção, gôsto, ou necessidade, consagre suas lucubrações ao que hoje se chama especialidade gynecologica, cujo fim não é mais do que o estudo continuo do organismo da mulher em todas suas manifestações, para acompanhá-las quando marchem regularmente ao objetivo physiologico, para modificá-las quando perturbações mais ou menos graves convertê-las em perigo para a saúde. O primeiro objeto constitue a gynecologia *hygienica*; o segundo, a gynecologia *pathologica*. (ALMEIDA, 1884, p. 8-9)

Além de ter defendido a ideia de que caberia ao médico ‘guiar’ a mulher, por ela ser uma criatura indefesa e suscetível a diferentes tipos de moléstias, Pires de Almeida também tratou da maternidade. Competiria ao médico defender e instruir a mulher porque ela poderia carregar em seu ventre um ser, o qual poderia representar o futuro do país e trazer benefícios para a sociedade:

Ponderando mais que no ventre materno encerra-se sempre um'alma, uma grande intelligencia as vezes, aquella com seu immortal destino, esta com suas ardentes inspirações e faculdades capazes de imaginar novos mundos, ou remontar-se ás altas regiões da sciencia, desentranhando novos segredos, dilatando os horisontes á actividade febril das gerações que se succedem, como não julgar digna de todo interesse a saúde da mulher, da qual dependem destino tão nobres quanto desconhecidos? (ALMEIDA, 1884, p. 7-8)

Embora Pires de Almeida se dirigisse à mulher, seu principal interesse estava localizado na criança, na sua boa constituição física e moral. Como o discurso médico do período defendia a ideia de que a mulher fora criada para ser mãe e, que por isso, a maternidade era algo que fazia parte de sua natureza, a mulher deveria preservar e cuidar de sua saúde, para que quando se encontrasse no estado de gestação, a saúde de seu filho estivesse preservada (MARTINS, 2004; ROHDEN, 2001).

Outra questão que também estava presente nesta discussão sobre a maternidade era a questão da nacionalidade. A criança era considerada o futuro da nação e, por isso, caberia aos seus principais cuidadores – os pais – uma atenção com sua saúde e desenvolvimento. Medicina e Estado agiram em conjunto para abolir os hábitos considerados nocivos às crianças. De acordo com Patricia Sanine e Elen Castanheira (2018), a medicalização da família teria se dado por meio da infância, com o intuito de serem implantados novos hábitos nas relações entre pais e filhos.⁵

O trabalho de Luiz Lima Vailati (2010) é relevante para pensar sobre a relação entre morte infantil e costumes sociais nos oitocentos. De acordo com o autor, o discurso médico propôs uma concepção diferente da que era corriqueira nas tradições e costumes sociais. Para boa parte da população do período, a morte infantil era algo benéfico. Por conta da influência da religiosidade católica, acreditava-se que um indivíduo que morresse enquanto criança já ganharia o paraíso. Muitas das fontes levantadas pelo autor indicavam a predominância desse pensamento em muitas famílias da época. Essas ideias só começaram a se modificar a partir do empenho que muitos médicos fizeram em mostrar outra noção sobre a morte infantil. O discurso médico, de acordo com o autor, sustentou que as altas taxas de mortalidade infantil não poderiam ser percebidas como algo benéfico ou como materialização da vontade divina. Os médicos mostraram que os pais eram peças fundamentais na criação e no cuidado dos filhos e que boa parte dos problemas relacionados à saúde da criança poderia ser evitada se os cuidados fossem baseados nos preceitos científicos.

⁵ Entretanto, somente no início do século XX, é que foram implantadas pelo Estado brasileiro, medidas mais pragmáticas com relação à infância. Foi somente na década de 1920, por exemplo, que foram iniciados os serviços de higiene infantil, e a proibição do trabalho fabril para menores de doze anos. E mais tarde, na década de 1930, foi criada a Diretoria de Proteção à Maternidade e à Infância. Cf. SANINE; CASTANHEIRA, 2018.

Crítica à roda dos expostos, combate ao aborto criminoso e ao infanticídio, crítica aos costumes sociais, que enxergavam a morte infantil como algo positivo, defesa de uma nova concepção de família, que teria a criança como prioridade, investimento em um discurso que definia a mulher a partir de sua função reprodutiva, foram algumas das ideias defendidas por estes médicos do XIX. Estas ideias circulavam em jornais e revistas para o grande público, em livros, em conferências e foram aos poucos estimulando mudanças nas famílias.

Para definir melhor seu objeto de estudo, Pires de Almeida assim descreveu os principais assuntos do livro:

A hygiene da mulher pejada, as moléstias que lhe são próprias, e seu tratamento, constituirão, pois o assumpto deste livro, maneiro, singelo, despido de pretenções scientificas, porém cheio de preceitos praticos para bem encaminhar as futuras mães, de modo a não deixarem expostas aos azares da rotina, da indiscrção, ou mesmo das preocupações, a vida e a saúde de dous seres, dos quaes dependem – a um tempo – a riqueza da família e o bem da sociedade. (ALMEIDA, 1884, p. 9)

Neste trecho, é possível observar de maneira muito clara a noção de vulgarização do XIX. Muitos homens de letras que se dispuseram a escrever sobre ciência para um público leigo partiam da noção de que a linguagem deveria ser amena, bem didática, adaptada ao público. Outra característica da vulgarização que pode ser percebida neste trecho é a ideia de utilidade da ciência. Pires de Almeida afirmou que muitos preceitos práticos estavam presentes no livro para bem encaminhar as futuras mães. É a própria concepção de um conhecimento que seria aplicado no dia a dia que faz da obra de Pires de Almeida uma produção baseada na ideia de vulgarização das ciências.

A higiene e as moléstias da mulher pejada

Na primeira parte da obra, intitulada de *Hygiene da mulher pejada*, Pires de Almeida procurou apresentar as orientações sobre a saúde da mulher e conselhos de como a mulher deveria manter sua saúde para que pudesse ter uma gestação saudável. Logo no início do texto, destacou os benefícios que aquelas mulheres que seguissem os preceitos poderiam alcançar. E, ressaltou, também, o quão nocivo seria ao organismo se as mulheres não atentassem a esses preceitos:

Se a mulher vive ordinariamente conforme esses preceitos, e mantém ou acautela sua saúde, precavendo-se de tudo quanto possa modificar-lhe maleficamente o organismo, pouco mais terá a accrescentar quando o novo estado se desenvolva de modo normal; - porém, o mais certo e commum é esquecerem-se os preceitos higienicos, porque – não só a mulher como também o homem – muito pouco cuidam de prevenir os resultados de qualquer incidente orgânico enquanto gozam saúde, e nada ameaça interromper a

perfeita harmonia que parece reinar na marcha das funções physiologicas. (ALMEIDA, 1884, p. 31)

Pires de Almeida afirmou, ainda, a importância de se observar os meios chamados preventivos para tornar a saúde da mulher mais segura e melhor preparada para o parto. O ato de informar-se fazia com que a mulher evitasse problemas com a saúde dela e a do feto enquanto estivesse no período gestacional. Por isso, ele assinalou a importância dos preceitos higiênicos. Para Pires de Almeida era inaceitável que a mulher grávida esquecesse esses preceitos. Dessa forma, ele elencou diversas regras que deveriam ser seguidas pela mulher grávida. Assim, a primeira regra formulada foi:

[...] a mulher não mudará absolutamente de regimen, costumes e hábitos, contanto que sejam racionaes, e não estejam em opposição com os princípios da hygiene geral. [...] Continue, pois, o seu regimen habitual, observando apenas algumas minúcias que nos propomos esclarecer aqui. Nada receie: deixe as cousas seguirem livremente seu curso, que a natureza terminará a sua obra com a mais perfeita e admirável regularidade. (ALMEIDA, 1884, p. 34)

Entre as ressalvas que Pires de Almeida apresentou estava a questão da realização de sangrias, desaconselhada para as mulheres grávidas. Da mesma forma, ressaltou a importância de a mulher relatar os incômodos da gravidez ao médico, e não às comadres, pois segundo ele estas eram amigas inescrupulosas que as aconselhavam de forma negativa. Pires de Almeida descreveu desta maneira as comadres:

Não há nada que mais damnos cause á mulher grávida do que os máos directorios, e estes proporcionam-lhe amiudadamente as intimas ignorantes, quando não malignas e supersticiosas, que – apoderando-se da confiança das familias – impõem-se, fazendo prevalecer suas absurdas idéas e *mesinhas* intragáveis ás autorisadas instrucções do homem de sciencia. E como, infelizmente, em muitas povoações, nas capitaes de nossas províncias, e – o que mais é ainda – no seio da própria corte, affrontando ostensivamente a Policia, fervilham as comadres, não me cançarei de prevenir contra ellas as senhoras que aspirem manter uma gestação feliz, e chegar ao termo sem lamentar passo algum indiscreto, nem tropeçar com fataes aberrações. Todos os dias registram-se casos em que a mão fatal d'essas especuladoras escreve a sorte de uma familia inteira na lapide de uma sepultura, sacrificando mães estremecidas e esposas que apenas acabam de perder os encantos da virgindade. (ALMEIDA, 1884, p. 39-40)

Essa visão negativa conferida às mulheres que auxiliavam no parto era dirigida na maioria das vezes àquelas que atuavam sem autorização, as ditas comadres. Apesar de a maioria dos médicos, do século XIX, não ter feito distinção entre as parteiras, Maria Lucia Mott (1998), em seu estudo, conseguiu identificar, pelo menos, cinco tipos distintos de parteiras neste período. De acordo com a autora, no início do XIX, haveria as *práticas*, que possuíam extensa experiência, mas atuavam sem autorização; as *ocasionais*, que

eram mulheres que, por conta das circunstâncias, acabavam realizando o parto de alguém próximo de seu convívio social, mas não eram parteiras de ofício; as *licenciadas* que exerciam com autorização legal, mas sem ter passado por um exame; as *examinadas*, parteiras práticas que haviam prestado o exame depois de comprovada experiência; e as *diplomadas*, que em geral eram mulheres estrangeiras, que haviam feito o curso de partos no exterior ou no Brasil (MOTT, 1998).

Após suas considerações sobre a presença das “comadres” nos partos, Pires de Almeida prosseguiu, em sua obra, apresentando os conselhos e modos de viver para a mulher pejada. A primeira indicação que o médico fez foi sobre a qualidade do ar ao qual a mulher grávida poderia estar exposta. Em lugares cuja atmosfera não reunisse as devidas condições de pureza, por exemplo, Pires de Almeida afirmava que isso poderia causar abortos e nascimentos de crianças raquíticas e deformes. A mulher pejada também deveria evitar estar em lugares úmidos e mal arejados.

Outra observação feita por Pires de Almeida foi em relação à altura em que deveria estar a residência da mulher pejada, a qual não poderia ser acima do nível do mar, pois em tal condição poderia ser ativada a circulação do sangue da mulher e prejudicar a nutrição do feto. Pires de Almeida não indicava a residência em tais locais e entendia que estes poderiam ser lugares apenas para realizar passeios e excursões. Entre os exemplos de lugares interessantes para mulheres grávidas, Pires de Almeida indicou Petrópolis como um local que serviria para moradia, e Teresópolis como uma região que serviria para passeios. Entre os lugares considerados como impróprios para a mulher pejada, Pires de Almeida referiu-se aos lugares pantanosos, pois estes seriam capazes de causar febres intermitentes, que poderiam ser transmitidas ao feto.

No verão, em dias muito quentes, não era aconselhável despir-se ao chegar em casa após um passeio e procurar um ponto da casa para se refrescar, pois isto poderia causar catarros, reumatismos, resfriamento repentino no feto, hemorragias, congestões intensas e abortos. A mulher também não poderia, depois de uma noite de sono, colocar os pés diretamente no chão, pois também esta ação poderia ocasionar estes mesmos problemas. Da mesma forma, a pejada teria que evitar lugares com grande aglomeração de pessoas, como as festividades na igreja e os espetáculos teatrais.

Dando continuidade aos conselhos, Pires de Almeida tratou, igualmente, da vestimenta da mulher pejada:

No estado de gestação, a mulher deve sacrificar todos os caprichos da moda, á conservação de sua saúde e da do filho. Este principio é absoluto. Nem o receio de passar por baldo de gosto, nem as exigências da alta sociedade, e muito menos as chamadas leis do bom tom, poderão legitimar o uso de certos acessórios e enfeites, ou o feito especial de vestuários que mais ou menos

directamente embaraçam o desenvolvimento do feto, ou alteram as formas da mãe, sobretudo em órgãos ou regiões destinadas a desempenhar importante papel na fisiologia da geração.

A mãe pertence n'essas ocasiões a si e ao filho, - nada tem que ver com a moda nem com o bom tom; basta-lhe ser escrava de ambos a maior parte de sua vida; sacuda o seu jugo ao menos durante esse período, relativamente curto, porém muito importante, em o qual as menores particularidades de sua existência, os pormenores mais insignificantes devem caminhar pura e exclusivamente de maneira a facilitar o termo feliz do trabalho maravilhoso que se está realizando dentro do seu organismo. (ALMEIDA, 1884, p. 55-56)

A principal recomendação de Pires de Almeida era de que o vestuário das mulheres pejudadas deveria ser composto por roupas largas e folgadas, para que não comprimissem o ventre e os seios. Neste ponto, Pires de Almeida tratou de um aspecto que interessava a todas as mulheres que sabiam ler e escrever, especialmente as mais abastadas, que era o tema da moda.

A moda, no século XIX, alcançou um lugar de destaque na vida de muitas mulheres. Estava presente em periódicos como o *Jornal das Senhoras*, *A Estação*, o *Jornal das Famílias*, entre outros. Como reitera Maria Helena Camara Bastos (2002), a preocupação com a moda era uma manifestação das modificações que ocorriam com a presença da mulher na sociedade. Ela passou a frequentar outros lugares para além do ambiente privado, como o teatro, as óperas, os bailes e os saraus literários.

Pires de Almeida, ainda tratando do assunto do vestuário, apresentou várias observações sobre o uso do espartilho. Entendia que esta era uma peça do vestuário feminino que causava muitos problemas para o corpo e que interferia em etapas importantes da gestação, como a preparação dos seios para o aleitamento:

Os seios eram tão fortemente comprimidos, que chegava a perder o bico, e – em alguns casos – a atrophiar a glândula; as falsas costellas, e até mesmo as ultimas verdadeiras, soffriam não menor compressão com o fim de apurar o talhe. E, quando a moda o exigia, reduzia-se a cintura á inverossimel delgadeza de ser abarcada com as duas mãos, sem se reflectir que órgãos tão importantes como o estomago, fígado e baço soffriam n'esse estado tal aperto que quasi embaraçava-os de funcionar. (ALMEIDA, 1884, p. 66)

Pires de Almeida, baseado em sua autoridade médico-científica, sugeriu que o espartilho, ao menos no período de gravidez, deveria ser banido do vestuário da gestante, por prejudicar os seios e o ventre.

A discussão sobre o aleitamento ganhou amplitude no século XIX e fez com que muitos médicos discorressem sobre o tema. Amamentar o próprio filho, ao invés de recorrer a uma ama de leite, era uma questão presente nas páginas dos livros e dos jornais e revistas voltados ao grande público. Amamentar tornou-se um ato de amor e de responsabilidade. A 'verdadeira mãe' deveria amamentar seu filho. Partindo desta

maneira de pensar, Pires de Almeida deu algumas indicações de como a mulher deveria preparar os seios para a amamentação:

Pires de Almeida expôs sua preferência pela amamentação natural, de modo que a mulher só deveria recorrer a outros mecanismos para estimular a saída do leite nos casos em que realmente houvesse necessidade.

O jornal estudado por Karoline Carula (2013), *A Mãe de Família*, é um bom exemplo de como essa discussão sobre a amamentação estava sendo tratada em um periódico cujo público alvo eram as próprias mulheres. Este jornal tinha como principal objetivo fazer com que as mulheres se tornassem ‘verdadeiras’ mães de família. De acordo com seu principal redator, Carlos Costa, as mulheres estavam muito ocupadas se preocupando com sua aparência e esquecendo-se de seu principal dever, que era o de ser mãe. Diversos artigos do jornal demonstravam como, principalmente, a questão do aleitamento era considerada uma das principais ações da mãe, que deveria estar disposta a dar o seio para o filho.

Pires de Almeida, fundamentado em seu conhecimento médico, estava buscando desmitificar uma tradição popular, que era encarada como um conhecimento verdadeiro por parte da população naquela época. O que estamos sugerindo é que, por meio do *Guia da mulher pejada*, a ciência, o conhecimento científico reconhecido pelos médicos da época, estava adentrando a muitos lares brasileiros e talvez modificando costumes, que há muito estavam enraizados no cotidiano da maior parte dos brasileiros.

Nesta primeira parte de sua obra, Pires de Almeida tratou de diversos assuntos referentes à saúde da mulher, tais como, o ar e como as mulheres pejadas deveriam evitar locais com pouca ventilação ou ar viciado; a vestimenta considerada cientificamente correta para ser usada durante a gravidez, de modo que evitasse problemas ao feto; os diferentes tipos de banhos e os que a mulher pejada deveria escolher, como o banho morno que seria o mais adequado; o cuidado com a alimentação; a necessidade das mulheres pejadas se exercitarem durante a gravidez, realizando caminhadas em locais com boa ventilação; questões relacionadas ao moral da mulher pejada e o cuidado com os locais frequentados para evitarem-se emoções fortes que poderiam acarretar em consequências, como abortos; e, por último, os desejos ou caprichos da mulher grávida. Em relação aos dois últimos pontos, Pires de Almeida incluiu a figura do esposo na narrativa, dando conselhos também para ele, de forma a promover um bom desenvolvimento da gestação.

Pires de Almeida concluiu essa parte do livro reiterando seu desejo de que a leitura daquela obra pudesse promover uma aliança entre o médico e a mãe: o primeiro,

com a ciência, a segunda, com o amor e cuidado, e ambos trabalhando em razão da criança, considerada como futuro cidadão:

Tudo quanto neste sentido pudermos alcançar empregando, nós a convicção, e ellas a vontade bem dirigida, será de proveito real: a gestação caminhará com regularidade; serão menores os incidentes; o parto em dia próprio; vindo, finalmente, á luz uma criança com todas as garantias de saúde que pôde ambicionar por um lado – a sciencia -, por outro, o amor materno. (ALMEIDA, 1884, p. 145)

Na segunda parte da obra, intitulada de *Molestias da mulher pejada*, Pires de Almeida procurou tratar das moléstias que poderiam ocorrer ao longo desenvolvimento da gestação e de como a mulher pejada deveria proceder diante das situações. Entre os conselhos iniciais, aconselhou que se evitasse os remédios caseiros, pois somente “á sciencia compete resolver”. (ALMEIDA, 1884, p. 147)

Embora tenha buscado sugerir algumas formas de combater certas moléstias, considerava como o meio mais eficaz se prevenir destes problemas:

Cumpre não deslembrar que a observância de uma boa hygiene, nos termos em que a exposemos na primeira parte deste livro, é o meio mais efficaz para prevenir muitas indisposições, e até mesmo moléstias, sobretudo nas senhoras que habitam os grandes centros, as quaes – por sua constituição excessivamente débil, seos hábitos sedentários, e falta de boas condições no ar respirável – estão mais propensas a toda casta de desordens funcionais. (ALMEIDA, 1884, p. 150)

Entre as principais moléstias que poderiam surgir durante a gravidez, Pires de Almeida listou as seguintes:

[...] os vômitos e as náuseas, o ptyalismo ou salivação, a gastralgia, a anorexia, a diarrhéa, cólicas e a prisão do ventre; hemorroidas, edema ou inchação das extremidades inferiores, a oppressão do peito, dores nos seios, vertigens e desmaios, câimbras, e vários outros estados que se referem, uns ao systema circulatório, outros ao nervoso. (ALMEIDA, 1884, p. 151)

Pires de Almeida, usando uma linguagem simples e uma narrativa didática, começou a tratar das moléstias da mulher pejada, discorrendo inicialmente acerca dos vômitos e das náuseas. Neste sentido, comentou sobre a época da gestação em que tais moléstias podiam aparecer, os horários ao longo do dia e o período em que cessavam.

Da mesma forma, aconselhou quanto às formas de se proceder para combater a diversas moléstias. Entre essas, os vômitos eram um dos males que acometiam as pejudas. Para solucionar o problema, o médico indicava o uso dos antiespasmódicos, como o xarope de flor de laranjeira. Além disso, a mulher pejada deveria evitar tomar bebidas aromáticas, como o chá da índia, a macela, o louro, a erva doce, a cidreira e a

tília, que poderiam causar uma “relaxação do estomago” (ALMEIDA, 1884, p. 158) e favorecer os vômitos. Pires de Almeida indicou, igualmente, o uso de gelo para evitar os vômitos, sugerindo à mulher pejada o consumo de sorvete ou o gelo em pedaços após as refeições. Os passeios na roça também foram sugeridos como um meio de evitar este problema, pois as caminhadas ao ar livre facilitariam os movimentos viscerais e tornariam os órgãos mais tolerantes.

Além das náuseas e dos vômitos, Pires de Almeida expôs sobre outro problema que também afetavam as mulheres pejadas, que era a “salivação ou ptyalismo” (ALMEIDA, 1884, p. 172). Embora não se tratasse de um problema grave, Pires de Almeida sugeriu que a mulher pejada tomasse algumas colheres de água aromática, como as de flores de laranjeira e de hortelã. Além disso, a mulher pejada poderia tomar uma colher de magnésia pela manhã, ou colocar na boca um pedaço de goma arábica ou de açúcar cândi.

Pires de Almeida descreveu outras moléstias e incômodos próprios do período da gravidez e apresentou receitas para combater todos esses males, como a diarreia, a constipação, edema ou inchaço das extremidades inferiores, vertigens, dores nos seios, dores nas cadeiras, dores de cabeça, nevralgias, palpitações do coração, opressão do peito, tosse nervosa, insônia.

Pires de Almeida concluiu o *Guia da mulher pejada* expressando sua preocupação com relação ao cuidado com as mulheres pejadas. Suas considerações se dirigiam especialmente àquelas pessoas que, na ausência de um médico, fossem cuidar das mulheres pejadas. Destacou que para que fosse possível corrigir os problemas ocorridos ao longo da gestação e utilizar adequadamente as fórmulas descritas na segunda parte da obra, era importante atentar para alguns aspectos da mulher pejada, como idade, temperamento, compleição, hábitos, época da gestação, coincidência ou não da moléstia com outra enfermidade.

Conclusão

Através da análise da obra *Guia da mulher pejada*, do médico José Ricardo Pires de Almeida, procurou-se estudar sobre a forma pela qual o discurso médico buscou aproximar-se das mulheres. Nesse sentido, o contexto da vulgarização científica, na segunda metade do século XIX, nos permitiu pensar em Pires de Almeida como um vulgarizador das ciências, ao procurar, por meio de suas publicações, tornar o conhecimento científico mais acessível às mulheres. Neste contexto, a imprensa desempenhou um papel importante na vulgarização dos conhecimentos, como podemos

perceber na análise da produção intelectual de Pires de Almeida, que foi, em grande parte, publicada em periódicos da segunda metade do século XIX.

Por meio da análise do *Guia da mulher pejada*, nos foi possível corroborar a ideia de que os manuais médicos, voltados para o público leigo, faziam parte do processo de busca de legitimação da medicina acadêmica em relação às denominadas práticas populares de cura. Esses manuais, direcionados às mulheres, buscavam ocupar um espaço no qual era possível a presença de outras mulheres, como as parteiras ou comadres, que cuidavam da saúde das mulheres.

Referências

ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e construção do saber médico: alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros - século XVIII. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 06, n. 02, jul.-dez., p. 21-34, 2013.

ALMEIDA, Pires de. *Guia da mulher pejada*. Preceitos hygienicos. Molestias e accidentes. Seu tratamento:alopático pelo autor; homeopathico, pelo Dr. Castro Lopes; e dosimetrico, pelo Dr. José de Goes. Precedidos do calendário da prenhez com o qual pode marcar o dia do parto, a época da fecundação e o período em que se devem sentir os movimentos do fêto. Rio de Janeiro: Typ., lith. a vapor, livr. encad. Lombaerts & C., 1884.

BASTOS, Maria Helena Camara. Leituras das famílias brasileiras no século XIX: o Jornal das Famílias (1863-1878). *Revista Portuguesa de Educação*, ano 1, v. 15, n. 002, Universidade do Minho, Braga, Portugal, p. 169-214, 2002.

BENSAUDE-VICENTE, Bernadette. Splendeur et décadence de la vulgarisation scientifique. *Questions de Communication, Les culture des sciences en Europe*, 17, 2010.

BIBLIOGRAPHIA. *Brazil*. Órgão do Partido Conservador. Rio de Janeiro, anno II, n. 49, 28 de fevereiro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2004> Acesso em 11 fev. 2020.

CARULA, Karoline. A educação feminina em *A Mãe de Família*. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Leticia (Orgs.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 85-112, 2013.

CHISPAS. *Brazil*. Órgão do Partido Conservador. Rio de Janeiro, anno II, n. 50, 29 de fevereiro de 1884, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/236055/2009> Acesso em 11 fev. 2020.

Diario de Noticias, Rio de Janeiro, anno III, n. 627, 26 de fevereiro de 1887, p. 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/2553> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Diário de Noticias, Rio de Janeiro, anno IV, n. 1013, 19 de março de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/369365/4112> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber médico no século XIX: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. *Educar*, Curitiba, n. 25, Editora UFPR, p. 59-73, 2005.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, anno IV, n. 115, 21 de maio de 1883, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/2913> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, anno VII, n. 170, 28 de julho de 1886, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/6316> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, anno IX, n. 286, 13 de dezembro de 1888, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/226688/9168> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação - Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In*:

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Os manuais de medicina popular do Império e as doenças dos escravos: o exemplo do “Chernoviz”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, dez. 2008, p. 827-840.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino – a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MOTT, Maria Lúcia. *Parto, parteiras e parturientes. Mme Durocher e sua época*. 313 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOTICIOSA, litteraria e agrícola. *A Folha Nova*. Rio de Janeiro, anno III, n. 674, 28 de setembro de 1884, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/363723/2682> Acesso em 10 fev. 2020.

PEJADA, Guia da mulher. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 598, 4 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2385> Acesso em 10 fev. 2020.

PEJADA, Guia da mulher. *A Provincia do Espirito Santo*, Vitória, anno III, n. 613, 23 de setembro de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/301582/2448> Acesso em 10 fev. 2020.

PEJADA, Guia da mulher. *A Mãe de Família*. Jornal científico, litterario e illustrado, Rio de Janeiro, 6º anno, n. 7, 15 de abril de 1884. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/341703/798> Acesso em 10 fev. 2020.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

SANINE, Patricia Rodrigues; CASTANHEIRA, Elen Rose Lodeiro. Explorando nexos entre a construção social da criança e as práticas de saúde. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, jan.-mar. 2018, p. 199-215.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, v. 2, 1991.

SILVA, Ozângela de Arruda. A publicidade livresca em jornais do século XIX: anúncios, livros e estratégias de venda. In: *XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, Fortaleza, Ceará, Anais, 2017, p. 1-11.

VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos Oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)*. São Paulo: Alameda, 2010.

VERGARA, Moema de Rezende. Contexto e conceitos: história da ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciência*, v. 33, n. 5, mayo, p. 324-330, 2008.